

Recebido em: 01.12.21
Aprovado em: 20.05.22

Periodicidade não atende às rotinas produtivas online dos arranjos de trabalho de jornalistas¹

Roseli Figaro
Claudia Nonato

Resumo:

Este artigo traz uma discussão sobre o atual papel da periodicidade no jornalismo online. Para tanto, faz uma recuperação teórico conceitual de autores que analisaram a periodicidade no jornalismo a partir da classificação de Otto Groth (2011) e propõe uma alternativa a ele com base nos resultados da pesquisa *Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*, realizada pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT), com apoio do CNPq, entre 2018 e 2020. Nessa investigação, regime de publicação e cronotopo são categorias teórico-metodológicas criadas para analisar o material empírico coletado da produção dos arranjos do trabalho jornalístico de São Paulo. Entre as conclusões, está que a noção de tempo como periodicidade não responde à atualização no jornalismo online dos arranjos de trabalho estudados. A investigação merece ser aprofundada e ampliada a outros tipos de veículos online.

Palavras-chave: Jornalismo online. Periodicidade. Regime de publicação.

The periodicity does not serve the online productive routines of journalists' work arrangements

Abstract:

This article discusses the current role of periodicity online journalism. To this end, it makes a conceptual theoretical recovery of authors who analysed the periodicity in journalism from the classification of Otto Groth (2011) and proposes an alternative to it based on the results of the research *Journalistic discourse and production conditions in alternative economic arrangements to media corporations*, conducted by Communication and Work Research Center (CPCT), between 2018 and 2020. In this investigation, publication regime and chronotope are of the theoretical-methodological categories created to analyse the empirical material collected from the production of arrangements of journalistic work in São Paulo. Among the conclusions is that the notion of time as periodicity does not respond to the updating in online journalism of the work arrangements studied. The investigation deserves to be deepened and extended to other types of online vehicles.

Keywords: Online journalism. Periodicity. Publication regime.

Roseli Figaro

Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pela Faculdade Cásper Líbero. Professora Titular, bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, Nível 2. É coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT).

E-mail: roseli.figaro@gmail.com

Claudia Nonato

Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pela Faculdade Cásper Líbero. Pós-doutoranda na ECA/USP e Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da ECA/USP.

E-mail: claudia.nonato@uol.com.br

¹ Este artigo traz resultados de pesquisas financiadas pela FAPESP e pelo CNPq e é uma versão modificada e aprofundada de papers apresentados em dois Congressos Nacionais da área.

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir a categoria periodicidade na produção jornalística online. O problema central que organiza nossa argumentação está enunciado nas seguintes questões: se as relações com o tempo e as relações sociais se transformaram, como tratar a atualização por meio do conceito de periodicidade no jornalismo online? Se os processos e as rotinas produtivas no jornalismo mudaram, como restringir a atualidade jornalística à categoria periodicidade?

A proposta é refletir a partir das conclusões da pesquisa *Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia*, realizada entre 2018 e 2020 pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT). Essa investigação trata da segunda fase de outra pesquisa, publicada em 2018², cujo objetivo é estudar o jornalismo produzido pelos novos arranjos do trabalho dos jornalistas de São Paulo. O estudo exigiu o desenvolvimento de categorias que pudessem permitir a análise de aspectos do processo produtivo e das lógicas de circulação desses produtos. Nesse escopo, a categoria periodicidade não permitia compreender as lógicas produtivas do jornalismo digital feito por esses arranjos (FIGARO et.al, 2021). Este fato nos trouxe novas indagações e nos direcionou a buscar outros ferramentais teórico-metodológicos para a análise.

Consoante ao exposto, para cumprir o objetivo deste artigo – discutir sobre o papel da periodicidade no jornalismo online dos novos arranjos de trabalho de jornalistas –, faremos breve recuperação teórico conceitual de autores que analisaram a atualidade como periodicidade no jornalismo, para, em seguida, apresentarmos os dados e a discussão oportunizada pela pesquisa e, frente a esses elementos, argumentarmos em favor dos conceitos de regime de publicação e de cronotopo mais adequados à produção do jornalismo online dos arranjos jornalísticos estudados.

Atualidade: eixo do jornalismo

A atualidade é um dos eixos estruturantes do jornalismo. Porém, as mudanças nos processos produtivos e em suas tecnologias transformaram a noção social de tempo e de espaço, fazendo com que o eixo da atualidade, materializado na periodicidade, precise ser repensado. A periodicidade tem a ver com a industrialização do jornalismo, com um tipo de maquinaria, com determinado modelo de negócio. O termo está vinculado à noção de tempo do relógio, o qual delimita o deadline para a conclusão, publicação e circulação das notícias. O jornal foi um produto acabado, impresso ou gravado, que mantinha a integridade de sua unidade em um único formato. O domínio do discurso jornalístico estava mais bem demarcado de outros domínios discursivos, por exemplo, o espaço da publicidade.

As alterações trazidas pelos meios de comunicação digitais oportunizaram sobretudo uma nova relação com o tempo e o espaço. A percepção do tempo acelerou-se, porque muitas de nossas atividades cotidianas são realizadas de maneira mais dinâmica e em menos tempo de locomoção e de interação. Uma infinidade de atividades perdeu sentido com a chegada da possibilidade de conexão, via internet, com pessoas, lugares, instituições e multiplataformas.

O jornalismo está diretamente afetado por essa compressão tempo-espacial, materializada, inclusive, pelo desaparecimento de funções, mudanças nas narrativas, alterações nos contatos com fontes, equipes de trabalho etc. Há uma infinidade de investigações que mostram as mudanças nas rotinas produtivas de jornalistas, na narrativa jornalística e nas formas de circulação e de consumo do produto jornalístico (FIDALGO, 2004; SEIXAS, 2013; FIGARO, NONATO, GROHMANN, 2013; LIMA, 2015; SILVA, 2019). Desse pressuposto, a pesquisa so-

² O título original do Projeto é As relações de comunicação e as condições de produção de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia. Apoio Fapesp, 2016-2018. Disponível em: www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho

bre a produção jornalística em arranjos de trabalho nativos digitais mostrou que a notícia atualizada no “diário”, no “semanário” etc. não cabe na lógica hodierna da produção jornalística, visto que a noção de tempo e espaço se modificaram.

No entanto, vale retomar a noção de periodicidade para entendermos a sua relação com a história e a cultura do século XX. O professor e jornalista alemão Otto Groth é referência nessa discussão. Ele é reconhecido por ter dividido, na primeira parte da obra *O Poder Cultural Desconhecido. Fundamentos das ciências dos jornais* (2011), as características do jornalismo em *periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade*. É a partir da classificação de Groth que diversos autores (GENRO FILHO, 1987; FIDALGO, 2004; FONSECA, 2008; RODRIGUES, 2009; MEDITSCH e SPONHOLZ, 2011; FRANCISCATO, 2014; BARSOLTTI, 2014; XAVIER e PONTES, 2019; MARQUES DE MELO, 2020) analisaram, em diferentes épocas, a *periodicidade* como uma propriedade intrínseca do jornalismo, sempre dependente do período histórico do desenvolvimento das técnicas e dos transportes.

O ritmo do jornal se estabelece a partir do sujeito moderno, que se tornou pontual sob a pressão da concorrência capitalista. A implementação tecnológica da vida em sociedade reconfigura o processo de produção do jornal. “Os períodos do jornal só se tornaram constantes quando a técnica e a organização da notícia possibilitaram o recebimento regular, seguro do material, quando a técnica de impressão permitiu a reprodução rápida e o correio e o trem também propiciaram a propagação imediata” (GROTH, 2011, p. 161, *apud* XAVIER e PONTES, 2019, p. 42)

Groth considerava a materialidade do jornal e os seus métodos de produção como fatores externos à estrutura do jornal, por este ser uma obra cultural e, naturalmente, uma realidade de sentido (FIDALGO, 2004). Para o autor alemão, a periodicidade é a característica que mais diferencia o jornal de outras obras, como os livros, por exemplo, e a natureza temporal é a essência de periódico, que só seria ideal se conseguisse atingir a simultaneidade do acontecimento e da notícia. Para ele, entender a periodicidade no jornalismo online, essa simultaneidade é mais importante que a regularidade:

É que a medida da periodicidade, além de ser ditada pelos condicionamentos físicos, econômicos, logísticos da produção do jornal, é sobretudo determinada “pelas necessidades e finalidades do homem”, ou seja, é determinada objectiva e subjectivamente, com ênfase no elemento subjectivo, pois que, enquanto elemento de uma obra cultural, a periodicidade é necessariamente teleológica. Sem dúvida que a grande vantagem do jornalismo radiofônico relativamente à imprensa e à televisão é de a sua periodicidade ser muito superior e de se aproximar mais do ideal da simultaneidade. (FIDALGO, 2004, p. 4)

Marques de Melo (2020, p. 124) estabelece conexões entre as quatro características propostas por Otto Groth, mas relaciona a periodicidade à difusão, por corresponder “à possibilidade tecnológica de transmissão dos acontecimentos, de modo a torna-los acessíveis à coletividade”. A partir desse ponto de vista, o autor pensa a periodicidade como conceito de tempo, mas prefere assumir a ideia de oportunidade, “configurando-se a partir do canal que torna viável a difusão”.

Seixas (2013), assim como Groth, considera a periodicidade uma propriedade do jornalismo e vai além, ao afirmar que um site de notícias com atualização contínua e sem periodicidade (no sentido da constância), “é dotado da periodicidade e identidade”, porque: “1) pode ter diferentes periodicidades para diferentes composições, seções e produtos como blogs ou infográficos; e 2) a continuidade da atualização é sua identidade de “site noticioso”, diferentemente de um especial, de uma revista eletrônica, de um blog”. A autora complementa, afirmando que “o próprio adjetivo ‘noticioso’ fortalece o conceito de notícia, da *hard news*” (SEIXAS, 2013, p. 169).

Na contramão desses autores, Adelmo Genro Filho (1987, p. 29) considerou

em sua pesquisa que as quatro características fundamentais apontadas por Otto Groth não caracterizam a essência do jornalismo. Para ele, ao afirmar a significação do periódico como mediador na comunicação de bens imateriais, o autor alemão permanece em um terreno genérico e abstrato. E questiona: “o que é preciso definir é a especificidade desses bens imateriais produzidos por essa estrutura jornalística historicamente determinada. Noutras palavras, qual o tipo de conhecimento produzido pelo jornalismo?” A resposta vem no parágrafo seguinte:

Aqui já temos, portanto, outra delimitação teórica do objeto, distinta daquela construída por Groth. E um outro método: já não se trata apenas de distinguir a racionalidade de uma comunidade subjetiva de indivíduos que trocam bens simbólicos, mas de compreender como as condições históricas – em primeiro lugar, as condições objetivas – produziram a necessidade dessa reciprocidade subjetiva e, sobretudo, a especificidade dos bens simbólicos que nasceram dela. (GENRO FILHO, 1987, p.29)

Embora as condições objetivas de produção do jornalismo tenham se modificado nos últimos anos, para alguns autores, as reflexões de Groth guardam valor científico, sobretudo, no que diz respeito à atualidade. Para Meditsch e Sponholz (2001, s/p), por exemplo, “continua sendo atual e urgente entender que o jornalismo é ditado pelas leis da atualidade e da universalidade, que ao mesmo tempo o limitam e o expandem e o diferenciam nitidamente da ciência e da literatura”. A atualidade é categoria central no jornalismo, mas essa categoria não está determinada pela periodicidade. Fidalgo (2004) destaca não apenas as transformações que a Internet trouxe para as práticas cotidianas, mas também para a natureza do jornalismo, que sofreu uma radical transformação, colocando em dúvida, inclusive, as fronteiras do que é e do que não é jornalismo. Daí vem, a relevância, para o autor, de “averiguar as alterações que se verificam com a informação online para o jornalismo, ou para o que se entende por informação jornalística tradicional, porque o que está em causa é o próprio jornalismo” (FIDALGO, 2004, p.1).

Atualidade nos arranjos jornalísticos

Se o que está em causa é o próprio jornalismo, pois a atualidade é o valor estruturante desse domínio discursivo, como categorizar adequadamente as profundas mudanças ocorridas no processo produtivo da informação jornalística? A noção de tempo como periodicidade, ou seja, tempo estruturado e demarcado, não existe mais no online na mesma medida dos processos analógicos. Não temos diários, vespertinos, mensários, semanários, pelo menos no jornalismo online e, sobretudo, nos arranjos jornalísticos que agrupam profissionais em busca de um jornalismo independente e alternativo.

A atualidade é correlacionada às condições de produção e à capacidade de circulação do produto jornalístico. A atualidade, pensada no contexto contemporâneo de produção jornalística, não pode estar restrita à dimensão de periodicidade. Para além dessa lógica, há a possibilidade constante de correções, ampliações e aprofundamentos, a depender da repercussão do fato. A suíte no jornal impresso desdobrou-se no acompanhamento dos acontecimentos em instantes, horas ou dia. Essas possibilidades dependem muito mais da linha editorial e da agilidade das condições de produção online, criando outras noções e relações com a notícia. Cria-se, assim, a oportunidade de um tempo distendido, não cartesiano, cujo compromisso é com o tema e o fato que se quer tratar a depender da circulação e da repercussão do produto jornalístico.

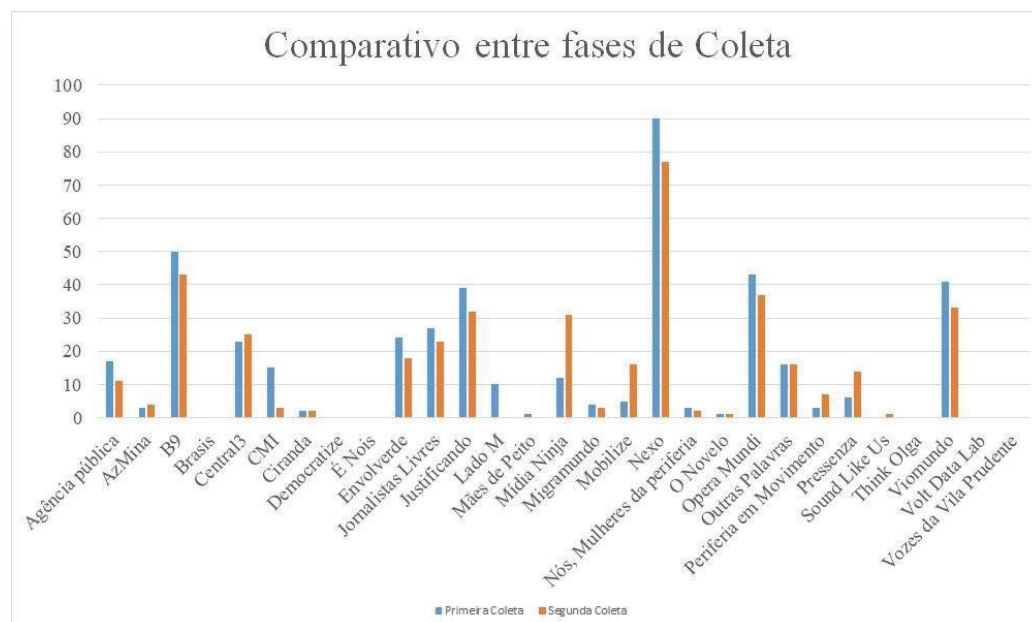
Dessa forma, temos uma variedade de tempos e de atualizações da informação “atual”. Reiteramos, ser atual depende do nicho e da linha editorial do veículo. Essa constatação foi sendo feita à medida que a pesquisa³ sobre a produção dos arranjos jornalísticos avançava (FIGARO, et. al., 2021). O *corpus* em análise contestava as noções de periodicidade, reorganizando o cenário do que se entende

³ Para a execução da fase da pesquisa em análise, deliberou-se pelo acompanhamento da produção jornalística de cada um dos 29 arranjos durante duas semanas: de 01/10 a 08/10/2018; e de 22 a 29/10/2018, primeiro e segundo turnos das eleições de 2018. Por meio do *software* Nvivo coletou-se a produção dos respectivos sites dos arranjos; e por meio do *software* Netlytic a produção veiculada no Facebook e no Twitter. A discussão sobre os métodos e técnicas de coleta, os benefícios e as limitações dos respectivos *softwares* bem como a noção de arquivo que permeia toda a coleta de dados e a formação do *corpus* foram discutidos nos artigos de NONATO, PACHI FILHO, SILVA, 2019; e em FIGARO, VISIBELI, KINOSHITA, 2019.

por atualidade.

O Gráfico 1 mostra a quantidade de matérias publicadas nos sites dos arranjos em cada período de coleta. Em seguida, o Quadro 1 mostra a quantidade de posts feita pelos arranjos no Facebook e no Twitter.

Gráfico 1 – Quantidade de matérias publicadas nos sites dos arranjos (primeira e segunda coletas).



Fonte: Banco de dados CPCT, 2018, da Pesquisa Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia.

Quadro 1- Quantidade de publicações dos arranjos coletadas nas redes Facebook e Twitter no período da pesquisa

	Facebook 1o turno		Facebook 2o turno		Twitter 1o turno		Twitter 2o turno	
	Post. totais	Post. autorais	Post. totais	Post. autorais	Post. totais	Post. autorais	Post. totais	Post. autorais
Ag. Pública	462	27	324	32	31	31	44	44
B 9	557	50	351	48	180	180	233	233
Central 3	54	10	58	9	47	47	39	39
Ciranda	2	2	4	4				
CMI SP					6	6	22	22
Democratize	4	2	29	12				
Énois	14	7	16	10	11	11	5	5
Envolverde	17	16	19	16				
Jorn. Livres	11336	430	26091	973	463	463	1162	1162
Justificando	825	114	735	71	35	35	18	18
Mães Peito	40	7	47	5	24	24	5	5
Mídia Ninja	9352	344	30252	901	276	276	497	497
Migramundo	10	6	9	5	4	4	4	4
Mobilize BR	30	18	34	22	17	17	17	17
Nexo	1210	106	1324	106	150	150	123	123
Nós Mulheres	37	17	26	15				
O Novo	11	3	2	1				
Opera Mundi	699	81	946	74	48	48	87	87
Outras Palavras	251	31	284	34			12	12
Periferia em Movimento	21	18	45	29	18	18	22	22
Pressenza	18	18	20	19	11	11	13	13
Rev. Azmina	81	6	28	5	21	21	45	45
Site LadoM	24	22	4	3	46	46	87	87
Soud Like Us	9	4	5	5	2	2	2	2
Think Olga	17	1	1	0	1	1		
Viomundo	873	51	1031	76	101	101	208	208
Volt Data Lab	8	6	4	4	8	8	3	3
Vozes Periferia	1	1	1	1				

²Na pesquisa mais ampla que serve de base para o trabalho foram analisados também os enquadramentos visuais a partir das imagens apresentadas na cobertura jornalística. Todavia, em razão das limitações de espaço intrínsecas do artigo, optou-se por considerar aqui os elementos mencionados.

Fonte: Banco de dados CPCT, 2018, da Pesquisa Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia.

O fluxo de produção e de circulação do material jornalístico produzido aponta características singulares das mídias digitais e atende a demandas diversas daquelas do jornalismo tradicional. A leitura e a análise da produção de cada um dos arranjos trouxeram indagações sobre como categorizar essa produção em termos das teorias do jornalismo. A categoria periodicidade mostrou-se restrita e não permite entender as lógicas produtivas do jornalismo online produzido por esses arranjos. As indagações que o corpus suscitou direcionou a pesquisa a buscar outros ferramentais teórico-metodológicos para a análise. A revisão bibliográfica, seminários de pesquisa e o estudo das teorias do jornalismo, confrontados ao corpus em análise, foram adotados como métodos de construção de novas categorias analíticas.

Os dados coletados permitiram o desenho de gráficos das frequências de publicação de cada arranjo jornalístico. O resultado apontou datas em que o número de publicação era maior e em ritmo mais acelerado. A título de exemplo, tomamos aqui alguns desses arranjos jornalísticos.

A *Agência Pública* (apublica.org.br) identifica-se como:

a primeira agência de jornalismo investigativo sem fins lucrativos do Brasil. Todas as nossas reportagens são feitas com base na rigorosa apuração dos fatos e têm como princípio a defesa intransigente dos direitos humanos.” (AGÊNCIA PÚBLICA, 2022).

A contribuição das jornalistas responsáveis pela iniciativa é inestimável por sua relevância e qualidade. No período da pesquisa, uma semana antes do primeiro e do segundo turnos das eleições de 2018, o material jornalístico publicado permitiu em termos de quantidade o que mostra o Gráfico 2. Nele se identificam as datas com maior e menor fluxo de publicação.

Gráfico 2 – Regime de publicação Agência Pública



Fonte: Arquivo CPCT 2018. Regime de Publicação do site Agência Pública no período de coleta, semana do primeiro turno e semana do segundo turno.

A data de 5 de outubro de 2018 foi a que apresentou maior número de postagens no primeiro turno; e o dia 25 de outubro a de maior número de postagem

no segundo turno. Datas que antecederam as eleições e nas quais a polêmica e os embates entre as campanhas se intensificaram.

O Quadro 2 mostra as publicações no *Facebook* também no dia 5 de outubro de 2018; vê-se que não há um ritmo constante nas publicações. Nenhuma lógica explica os intervalos a não ser o regime de publicação que evidencia como funciona o dispositivo comunicacional (FÍGARO, GROHMANN, 2017; MAINGUE-NEAU, 2001), operado pela *Agência Pública*, em consonância com as condições de produção da equipe do arranjo jornalístico e com sua linha editorial.

Quadro 2 – Regime de publicação Agência Pública no Facebook 5/10/2018

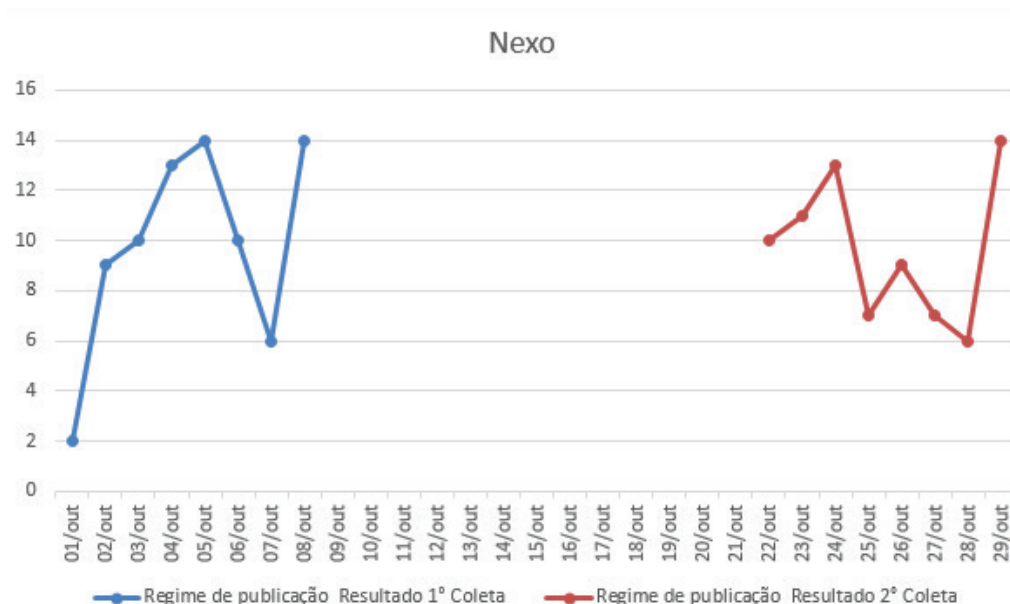
2018-10-05 08:44:50	INÉDITO. Levantamento da Pública mostra que dos 3,3 milhões de títulos anulados pelo TSE mais de 1 milhão foi em municípios pequenos com 25% da população em situação de pobreza.
2018-10-05 11:29:32	Fake news sobre urnas eletrônicas. O Brasil não é o único a adotar o sistema: em países como Canadá, a Índia e em alguns estados norte-americanos também é assim.
2018-10-05 16:15:16	Falso! Jair Messias Bolsonaro usou documento com teses internas de vertentes do Partido dos Trabalhadores para dizer que Fernando Haddad quer desmilitarizar polícias e revogar Lei da Anistia.
2018-10-05 18:04:15	Errou, Geraldo Alckmin. Nem o Banco Mundial nem o FMI têm dados que comprovem que a oferta de crédito no Brasil é metade da chilena.
2018-10-05 20:00:01	Fernando Haddad acertou: encontramos nove países com índices de desigualdade semelhantes ao do Brasil, e em sete deles a violência é inferior à registrada aqui.

Fonte: Banco de dados CPCT, 2018, Pesquisa Discurso jornalístico e condições de produção em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia.

Há relação entre as publicações no site e no *Facebook*. O *fact-checking* da *Agência Pública* também repercutiu no *Facebook*.

O Gráfico 3 ilustra a produção do site do *Nexo Jornal*. O gráfico representa as publicações por dia em ambos os turnos.

Gráfico 3 - Regime de publicação do site *Nexo Jornal*



Fonte: Arquivo CPCT 2018. Regime de Publicação do site Nexo Jornal no período de coleta, semana do primeiro turno e semana do segundo turno.

O *Nexo Jornal* (www.nexojournal.com.br) é um veículo jornalístico que publica a partir de lógicas próprias em tempo-espaço específico, dados pelas condições de produção: linha editorial, equipe, recursos, mobilidade. Em duas semanas de coleta da produção jornalística, coletou-se quantidade bastante variada de matérias, publicadas também em momentos diferentes do mesmo dia e mesma semana; variando a quantidade e ritmo de publicação inclusive de semana para semana.

O regime de publicação do *Nexo* na página do *Facebook*, no Quadro 3, mostra 106 mensagens autorais, sendo o dia 5 de outubro, o de maior publicação, 15 posts. Na semana antes do segundo turno da eleição, a coleta mostra que se manteve o número de 106 posts, com o dia 26 de outubro, aglutinando 16 mensagens.

Quadro 3 – Regime de publicação no Facebook Nexo Jornal

Facebook 1º turno 01/10 a 08/10	Nexo	Facebook 2º turno 22/10 a 29/10	Nexo
Post totais	1210	Post totais	1324
Post autor	106	Post autor	106
01/10/18	14	22/10/18	14
02/10/18	13	23/10/18	15
03/10/18	13	24/10/18	12
04/10/18	14	25/10/18	15
05/10/18	15	26/10/18	16
06/10/18	13	27/10/18	11
07/10/18	11	28/10/18	10
08/10/18	13	29/10/18	13

Fonte: Arquivo da pesquisa CPCT, 2018.

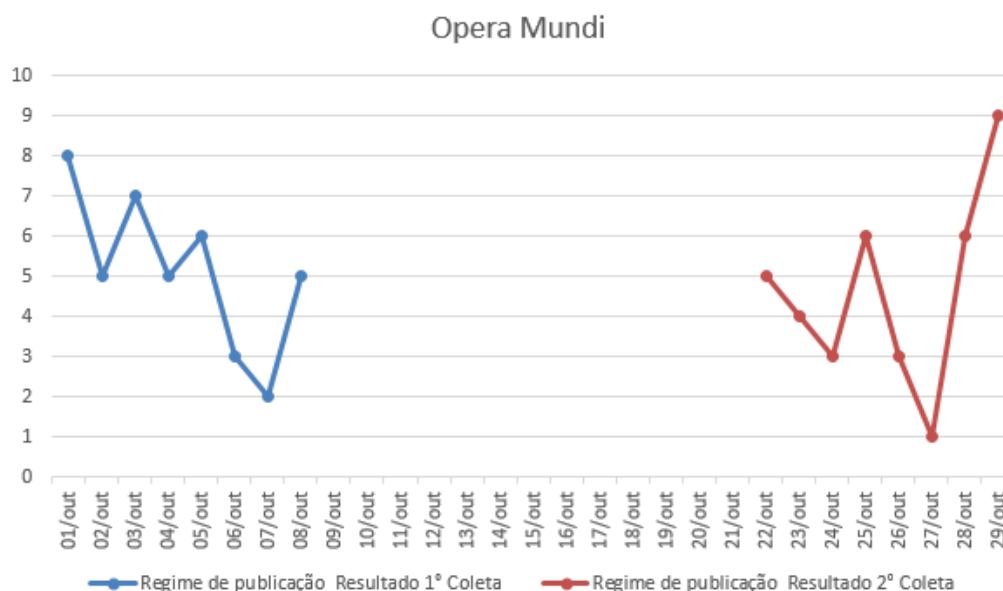
Outro exemplo pode ser verificado com o regime de publicação do arranjo

independente e alternativo *Opera Mundi* (<https://operamundi.uol.com.br/>). Este veículo

busca explorar o chamado jornalismo segmentado com a produção e a curadoria de conteúdos internacionais que não costumam ser veiculados em outros arranjos ou na chamada imprensa internacional. É uma equipe pequena de jornalistas dedicada à cobertura e interpretação de informações internacionais, sobretudo, política, economia e movimentos sociais.

O Gráfico 4 mostra um regime de publicação bem diversificado no site, cujas datas de maior publicação são respectivamente 01 e 29 de outubro. Aqui a pauta das eleições brasileiras foi tratada na perspectiva das relações internacionais, sem deixar de abordar temas exógenos à pauta nacional. A falta de uma métrica pré-estabelecida a ser cumprida, com x ou y publicações dia (hora ou minuto) está relacionada à identidade do arranjo jornalístico, também na rede de apoio que lhe dá sustento e em sua capacidade de buscar fontes, apurar e publicizar. As condições de produção no digital permitem muitas publicações em um só dia; e nenhuma publicação em outro.

Gráfico 4 – Regime de publicação *Opera Mundi*



Fonte: Arquivo CPCT, 2018. Regime de Publicação do site *Opera Mundi* no período de coleta, semana do primeiro turno e semana do segundo turno.

Quadro 4 – Regime de publicação no Facebook do *Opera Mundi*

Facebook 1º turno 01/10 a 08/10	Opera Mundi	Facebook 2º turno 22/10 a 29/10	Opera Mundi
Post totais	699	Post totais	946
Post autor	81	Post autor	74
01/10/18	13	22/10/18	13
02/10/18	13	23/10/18	10
03/10/18	10	24/10/18	9
04/10/18	11	25/10/18	10

³Cabe ressaltar que, por sua natureza calcada na produção de sentidos, a análise não permite verificar se Dilma Rousseff não foi devidamente procurada pelas revistas *Veja* e *IstoÉ* ou se optou por não se manifestar, delegando funções a assessores(as), advogados e outros(as) agentes do espectro político.

05/10/18	11	26/10/18	11
06/10/18	4	27/10/18	3
07/10/18	4	28/10/18	6
08/10/18	15	29/10/18	12

Fonte: Arquivo CPCT, 2018.

O Quadro 4 mostra um fluxo diário bem equilibrado de publicação no *Facebook*, com um regime de publicação bastante compassado, demarcando inclusive os finais de semana. As quatro segundas-feiras abrangidas pelo tempo de coleta mostram que este é um dia de fluxo maior do regime de publicação no *Facebook*. Como veículo que tem suas especificidades de forma, linguagem e circulação, a página no *Facebook* do *Opera Mundi* tem regime de publicação adequado a esse canal e totalmente diferente do que se apresenta no site. As atualizações, as republicações indicam um regime de publicação motivado pela circulação na rede e pelos comentários e curtidas. Portanto, são lógicas diferentes que atuam na definição do regime de publicação.

Esses exemplos ilustram as irregularidades de periodicidade as quais também se repetem nos demais veículos jornalísticos dos novos arranjos do trabalho de jornalistas. As justificativas para esse fato se dão devido às condições de trabalho, financeiras e à capacidade de produção das equipes envolvidas. Desse modo, periodicidade é um termo limitado para expressar o ritmo das publicações. A atualidade, no entanto, está resguardada pelas propostas editoriais dos respectivos arranjos.

Assim, as condições objetivas de produção jornalística, ressaltadas por Genro Filho (1987), estão, no caso do jornalismo online dos arranjos jornalísticos, clamando por uma categorização adequada ao sentido de atualidade estruturante das práticas do jornalismo produzido por esses arranjos.

Novas categorias analíticas

O corpus em questão levou-nos à apropriação dos conceitos de regime de publicação e de cronotopo para identificar os usos da noção de tempo-espço praticados no trabalho dos novos arranjos jornalísticos.

Para tratar desses dois conceitos, oriundos de estudos da história e da literatura respectivamente, buscou-se respostas na obra *Ordem dos livros*, de Roger Chartier (1999); e para estudar o conceito de cronotopo buscou-se em Mikhail Bakhtin, *Estética da criação verbal* (1992) e em Marília Amorim, no capítulo *Cronotopo e isotopia* (2006). A observação das matérias publicadas em ritmo intermitente permite supor que o regime de publicação cria a sensação de eterna presentificação, pois não há delimitação de hora e de quantidade de vezes que se publica em um mesmo dia ou na mesma semana. O aqui e agora – tempo e espaço – fundamentais na narrativa jornalística, compõem a *dêixis* que marca a interlocução eu-tu do processo enunciativo (FIORIN, 2012) do arranjo jornalístico. O cronotopo é o da presentificação do reportado e do ato de reportar.

Regime de publicação

No levantamento realizado com as ferramentas do *Google* e do *Google Acadêmico* em dois períodos (janeiro e fevereiro de 2020), identifica-se usos do termo regime de publicação vinculados a normatização de publicações em legislação, edição de revistas científicas, produção em publicações científicas, reflexão sobre

a função-autor na produção editorial. Esses usos compõem campo semântico relativo ao processo de produção de periódicos, ora mais vinculado ao tempo de publicação e circulação, ora vinculado à função-autor, a publicações na internet e ao dispositivo comunicacional que a internet aciona em termos de tempo, circulação e acesso.

É interessante destacar comentário sobre a legislação de 1948, relativa às patentes, onde se lê:

Essa interpretação no caso de patentes, resulta sobretudo do fato de haver o Código adotado o regime de publicação a posteriori, isto é, depois de concluído o exame técnico. Assim, enquanto o exame não está findo, o invento está em segredo, não caindo o objeto no domínio público, uma vez, que não foram ainda divulgados os seus pontos característicos. (BRASIL, 1948, nosso destaque)

No excerto de 1948, o termo regime de publicação trata do momento de publicação de resolução sobre pedido de patente. Esse momento, o quando: antes ou depois do resultado da avaliação pelos órgãos competentes. A dimensão temporal está expressa sobre o quando da normatização para a publicização de um ato de avaliação. Desse modo, a ideia de tempo, como período de publicação está resguardada.

Dois outros usos, encontrados em análises editoriais, reportam-se à função-autor, discutida por Robert Chartier (1999), a partir de Michel Foucault e Michel de Certeau, para enunciar a complexidade dos elementos envolvidos na produção e circulação de livros. Ou seja, para Chartier:

Inscrita nos próprios livros, ordenando as tentativas que visam ordenar o inventário das obras, comandando o regime de publicação dos textos, a função-autor está, apesar de tudo, no centro de todos os questionamentos que ligam o estudo da produção de textos ao de suas formas e seus leitores. (1999, p.58, nosso destaque)

A reflexão de Chartier, em torno da leitura da obra impressa como livro em sua trajetória histórica, não pode ser desvinculada dos modos de apropriação e uso do livro, bem como de catalogação para difusão. Assim, embora a função-autor (que também é um problema que nos aparece), seja uma criação ao longo da história, vinculada ao desenvolvimento das forças produtivas, das cidades e da circulação de livros, tal função é sempre colocada em questionamento. O regime de publicação aparece como um elemento que abarca todo o processo de produção. Verifica-se ainda como alguns autores se apropriam do termo regime de publicação a partir de Chartier.

No capítulo *Reflexões sobre Ética da Informação: panorama contemporâneo*, de Maria Nélide Gonzalez de Gomez, no Livro *Ética da informação, perspectivas e desafios*, 2017, o termo regime de publicação aparece no seguinte excerto:

Se o regime de publicação indica distorções com relativas implicações éticas, a escrita da ciência é ao mesmo tempo um recurso de legitimação e um espaço propício para a escamoteação das regras éticas presumidas pelo caráter público da ciência. O plágio, a obliteração, a falsificação e a fabricação de dados atingem no cerne os ciclos de produção e comunicação científica.” (GOMEZ, 2017, p. 34, nosso destaque)

Da leitura se depreende que a autora se refere ao campo semântico dos processos produtivos de artigos científicos, vinculados a avaliações por pares e marcados por métricas de indexadores. Ou seja, não está relacionado a tempo, mas aos modos de conceber a produção e viabilizar a publicação de artigos científicos, ligado a função-autor na medida em que se discute a ética.

Outros dois artigos trazem o termo regime de publicação definidamente como tempo/periodicidade. O artigo “Tempos verbais em artigos de divulgação

científica: algumas considerações” registra no excerto:

Sob o ponto de vista da Retórica, diríamos que a distinção do corpus DCE e DCF x DCS se justifica pela existência de dois auditórios e situações bem diferentes. Nos primeiros casos, a publicação da D.C. é realizada diariamente em um regime de publicação, ao que indica, incessante. ((FERNANDES e SEIDE, 2011, p. 11, nosso destaque)

Está claro que o enunciado se reporta ao campo de sentidos vinculado ao dispositivo comunicacional periodicidade (intervalo de publicação).

Por fim, a última referência para a construção do campo de sentidos do termo regime de publicação diz respeito ao artigo *Práticas Psicossociais completa seu 12º ano de vida com análises de práticas de cuidado e inclusão Pesquisas*. Os autores tratam do tema da seguinte maneira:

2017 foi um ano de muito trabalho e também de muitas conquistas para a nossa revista. Este é o terceiro número de nossa publicação que passou a ser quadrimestral. Mas não nos limitamos a três números, uma vez que está sendo gestado, em regime de publicação continuada, um quarto número, em inglês, dedicado justamente ao tema central de nosso periódico: as pesquisas e práticas psicossociais.” (DE QUEIROZ MELO, MACHADO, SANTOS, 2017, p. 5, nosso destaque)

É clara a vinculação do termo com o tempo de publicação. Mais do que isso, esses três artigos relacionam regime de publicação com velocidade, agilidade. Elementos que nos remetem a processos de produção editorial relativos a determinados dispositivos comunicacionais.

Reitera-se, desse modo, que o termo regime de publicação recobre um campo de sentidos relativo à produção editorial, na conformação do dispositivo comunicacional – e aos seus processos de produção. Portanto, regime de publicação é mais amplo que periodicidade. Diz respeito também a alcance e escala de produção.

Assim, a categoria de regime de publicação atende de maneira mais adequada o que encontramos ao analisarmos os processos de publicação jornalística online dos arranjos em estudo. Periodicidade não dá conta de nomear as práticas de produção e circulação no jornalismo online praticado por esses arranjos.

Tempo-espço – cronotopo

“A estrada é onde se mede o tempo e o lugar da história”⁴. Essa frase pode sintetizar o conceito de cronotopo de Mikhail Bakhtin (1992), criado para entender tempo-espço no discurso literário.

Esse conceito permite compreender o processo produtivo com a notícia nos meios digitais. Aqui trata-se não exatamente do tema, ou seja, da história em si, mas de como ela é contada, composta e circulada, ganhando contornos que extrapolam ou não o tempo e o lugar de seu acontecimento. A matéria postada adquire vida nas páginas da web, adquire novos sentidos, é atualizada, comentada, interpelada por outros discursos de tempos e lugares outros.

A produção discursiva jornalística online é um emaranhado de interdiscursos que também ganha sentido e destaque a depender das formas de circulação e apropriação, tudo isso em um tempo não contado por horas, dias, minutos exatamente. Podem ser segundos, podem ser anos. O funcionamento do dispositivo comunicacional produz esses deslocamentos tempo-espaciais. O regime de publicação permite esses destempos e deslocamentos. Por exemplo, uma matéria produzida para o site pode ser atualizada, comentada, retirada, corrigida indefinidamente, deixando ou não marcas visíveis desses movimentos de ir e vir de discursos, de vozes múltiplas.

⁴ Destacamos o brilhante capítulo *Cronotopo e exotopia*, de Marília Amorim, no livro organizado por Beth Brait, *Bakhtin, outros conceitos-chave*, 2006.

A autora, para iniciar a explicação sobre cronotopo assim se expressa: Assim, por exemplo, a cronotopia da estrada, em um certo tipo de romance, indica o lugar onde se desenrolam as ações principais, onde se dão os encontros que mudam a vida dos personagens.” (idem, p. 102). Ela analisa no capítulo o filme *O vento nos levará*, de Kiarostami, de 1999.

O site é um lugar institucional e mais delimitado do que uma rede social, mesmo assim sua materialidade padece da transitividade de que o jornal impresso ou televisivo ou radiojornalismo não padecem. A peça inteira postada intacta, quando recuperada, não mais necessariamente será a mesma de quando foi criada e postada. Pode haver novos comentários, pode haver atualizações, correções. A história reportada pode ganhar dimensões em que o acontecimento transcende sua singularidade para conectar-se a outros relatos. É possível que o relato (em tempo real, em vídeos), também desloque o jornalista de seu lugar de repórter para torná-lo testemunha. É próprio da materialidade do virtual a plasticidade do eterno renovar-se; são camadas de reescrita, como palimpsestos a serem desvendados.

Nas redes sociais, esse movimento de destempo e deslocalização é ainda mais presente. Assim sendo, o processo produtivo do jornalismo online é sempre imperfeito, no sentido do não acabamento, é sempre possível a situação de atualização e correção. Essa lógica não é imanente apenas ao *midium*, mas é imanente ao dispositivo comunicacional (MAINGUENEAU, 2001) – aqui entendemos dispositivo como o conjunto dos elementos que permite a existência da comunicação: *midium*, discurso, situação de recepção e situação de circulação (FIGARO, GROHMANN, 2017). Desta feita, vale lembrar que esse dispositivo, bem como o discurso jornalístico de que é parte, está conformado e conflitado pelas lógicas mais gerais do sistema de produção capitalista no contexto do trabalho digital, das empresas de plataforma (FIGARO, MARQUES, 2020) e de circulação do capital (GROHMANN, 2021).

Essa característica do processo produtivo do jornalismo, no caso dos novos arranjos do trabalho de jornalistas, nos remete ao conceito de cronotopo de Bakhtin (1992).

Segundo Amorim (2006, p. 102), “O cronotopo em literatura é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto.” A autora cita Bakhtin: “Os índices do tempo descobrem-se no espaço e este é percebido e medido de acordo com o tempo”⁵ (BAKHTIN, 1978, *apud*, AMORIM, 2006, p. 102).

Como salienta Bakhtin, o tempo é revelado na tessitura da trajetória dos personagens. Bakhtin identifica, na análise da obra de Goethe, a relevância da atividade humana transformadora das paisagens e a história como diacronia do tempo vivido.

Assim, transmutamos o estudo de Bakhtin sobre o cronotopo para pensar o jornalismo. Aquele jornalismo de que nos fala Genro Filho, o contador de histórias de singularidades, revelador da vida concreta vivida das pessoas em sociedade. Agora com as práticas do online, o jornalismo não mais preso ao tempo do relógio da indústria moderna, mas ao fato de ser reportado e pela absorção do tempo-espaço no mercado e no trabalho 24/7 nas lides digitais (CRARY, 2016).

Desta feita, tempo-espaço no jornalismo online dos arranjos estudados torna-se o cronotopo que revela a condição de virtualidade do regime de publicação. O dispositivo comunicacional é operado pela síntese tempo-espaço em deslocamentos e agregações discursivas que se estabelecem nas condições de produção e de circulação do jornalismo.

Ao aplicar a categoria regime de publicação aos arranjos jornalísticos aqui estudados, identificamos a irregularidade dos intervalos de publicação como um aspecto forte que nos permite questionar o uso da categoria periodicidade para esses veículos. O *Nexo Jornal*, o mais bem estruturado desses arranjos, com equipe fixa, sede, mostra que seu regime de publicação tem compromisso com as condições de produção e com as prioridades editoriais estabelecidas para atender o seu nicho jornalístico. A circulação na internet e nas redes digitais também não obedece a entrada e saída do produto jornalístico em busca de seu público. Atende a

⁵ Bakhtin, M. **Formes du temps et du chronotope dans le roman (essais de poésie historique)**, em *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard, 1978, p. 237. (trecho traduzido por Amorim, 2006).

como a circulação é recebida pelo público e é assimilada, confrontada com outros textos, comentada e enfim submetida à lógica das *affordances* das plataformas nas quais têm difusão. Regime de publicação e cronotopo são categorias mais adequadas porque atendem às noções contemporâneas de tempo-espço.

O arranjo *Opera Mundi* tem equipe menor, linha editorial voltada ao jornalismo internacional, recursos menores em comparação ao *Nexo*, por exemplo, e seu regime de publicação está comprometido no processo de produção e circulação da informação que visa aprofundar os temas internacionais que a linha editorial prioriza. O cronotopo da presentificação, tornando o tema abordado atual e relevante, atua no sentido de que o tempo-espço da informação são submetidos à lógica mesma da capacidade editorial de construir a atualização no processo discursivo.

A *Agência Pública* propõe-se como veículo voltado à formação e ao jornalismo como prática da reportagem e de investigação. Com infraestrutura também limitada e equipe própria pequena, contando com colaboradores, o regime de publicação está em acordo com condições de produção que requerem um tempo-espço que permita a investigação jornalística para a produção da reportagem. Esse processo produtivo, nas condições do online e da linha editorial, transcende a noção de espço físico e de tempo em horas do relógio moderno, para atender ao processo que envolve as lógicas do sistema de produção e circulação das reportagens que a linha editorial escolheu produzir.

Regime de publicação e cronotopo identificam as formas atuais de produção e circulação do discurso jornalístico que encontramos na prática dos arranjos jornalísticos estudados. São elementos que, para além das lógicas inerentes à tecnologia, revelam o ritmo ditado pelas condições do trabalho jornalístico, revelam os ditames da monetização, por meio das interações dos cliques, dos acessos dos leitores ao conteúdo jornalístico e incidem sobre as formas do fazer jornalístico dos arranjos do trabalho dos jornalistas.

Assim, regime de publicação e cronotopo devem ser considerados como conceitos que permitem o revigorar da noção de atualidade no jornalismo. A atualidade não pode ser descaracterizada de sua vinculação ao processo socioeconômico e de desenvolvimento das forças produtivas no fazer jornalístico. Por isso, trata-se da noção social de tempo e a categoria de regime de publicação atende de forma mais ampla e adequada às mudanças que estamos vivenciando, conforme aponta nosso estudo, embora ainda limitado aos arranjos jornalísticos.

Considerações finais

Este artigo discutiu as noções de periodicidade como aspecto da atualidade no jornalismo. Estrutturamos nossa argumentação no que Groth (2011), Seixas (2013), Genro Filho (1987), entre outros, afirmam sobre a categoria atualidade ser o eixo estruturante do discurso jornalístico.

No século XX, a lógica industrial cunhou a noção de atualidade por meio da categoria de periodicidade da informação. Com as mudanças nos processos produtivos tecnológicos, a sociedade vai adquirindo outras noções sobre o tempo-espço. Afinal, o tempo em horas, minutos e segundos é um padrão moderno. A circulação imediata, o acontecimento em tempo real de transmissão exige a construção de outras categorias para reportarmos-nos ao tempo no jornalismo.

Nesse sentido, corroboramos a ideia de que tempo-espço dialogam na história com a capacidade tecnológica de cada sociedade, conforme lemos em Fidalgo e Moura (2014, p.25)

O tempo tecnológico trabalha a actualidade e a imediatividade como outrora o tempo histórico trabalhou a permanência e a durabilidade. Como vemos, a na-

tureza dos meios configura não só um espaço, mas também um tempo perceptivo.

Corroborando essa ideia, a pesquisa sobre a produção jornalística dos arranjos alternativos e independentes à grande mídia impulsionou nossa observação aos dados sobre o ritmo e constância nas publicações. O levantamento na forma de quantificação das publicações em gráficos e tabelas comprovou a intermitência temporal nas matérias, exigindo que se configure outra categoria para se denominar a atualização do produto jornalístico. A periodicidade não dá conta do que acontece na sistemática de atualizações desses arranjos jornalísticos.

Assim, após um levantamento bibliográfico, adotamos o conceito de regime de publicação, inicialmente formulado por Roger Chartier (1999), e de cronotopo, usado por Mikhail Bakhtin, para nomear os processos editoriais que compreendem tempo, espaço, autoria, edição e circulação. Nossa proposta é de que passemos a utilizar regime de publicação ao invés de periodicidade quando tratemos do jornalismo em veículos online dos arranjos jornalísticos.

O uso do termo regime de publicação no estudo aplicado que realizamos mostrou-se muito produtivo. Outros estudos empíricos merecem ser feitos, para testar a conceituação construída e aqui proposta em relação ao regime de publicação como categoria que suplanta a noção de periodicidade no jornalismo feito e propagado na internet. Esse desafio, oferecemos aos colegas pesquisadores.

Referências

AMORIN, M. Cronotopo e exotopia. *In*: BRAIT, B.(org.) **Bakhtin**. Outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

AGÊNCIA PÚBLICA. **Quem somos**. São Paulo, SP. Disponível em apublica.org.br. Acesso em: 26 mar. 2022.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARSOTTI, A. **Jornalista em mutação**. De cão de guarda ao mobilizador de audiência. Florianópolis: Insular, 2014.

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1999.

CRARY, J. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: UBU, 2016.

DE QUEIROZ E MELO, Maria de Fátima Aranha; MACHADO, Marília Novais da Mata; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. A revista Pesquisas e Práticas Psicossociais completa seu 12º ano de vida com análises de práticas de cuidado e inclusão. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 3, p. 1-5, dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000300001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 mai. 2022.

FERNANDES, R.; SEIDE, M. Tempos verbais em artigos de divulgação científica: algumas considerações. *In*: JORNADA EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 14., 2011, Marechal Cândido Rondon, PR. **Anais E [...]**. Unioeste,

- PR, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/27130339/TEMPOS_VERBAIS_EM_ARTIGOS_DE_DIVULGA%C3%87%C3%83O_CIENT%C3%8DFICA_ALGUMAS_CONSIDERA%C3%87%C3%95ES. Acesso em: 17 mai. 2022.
- FIDALGO, A. Jornalismo on-line segundo o modelo de Otto Groth. **Pauta Geral**, nº6, 2004. Salvador; Calandra, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-groth-jornalismo-online.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2022.
- FIDALGO, A; MOURA, C. O design e a fabricação da experiência. In: FIDALGO, A.; CANAVILLAS, J. (orgs.) **Comunicação digital**. Dez anos de investigação. Covilhã, UBI, LABCOM, Livros LABCOM: 2014. Disponível em: www.livroslabcom.ubi.pt. Acesso em: 17 mai. 2022.
- FIGARO, R.; MARQUES, A F. A comunicação como trabalho no capitalismo de plataforma: o caso das mudanças no jornalismo. **Revista Contracampo**, v. 39, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38566>. Acesso em: 17 mai. 2022.
- FIGARO, R.; GROHMANN, R. Dispositivos comunicacionais no mundo do trabalho: uma revisão teórica para operacionalizar o conceito. **COMUNICAÇÃO & INOVAÇÃO (ONLINE)**, v. 18, p. 1-15, 2017. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/download/4669/2288/15657. Acesso em: 17 mai. 2022.
- FIGARO, R, NONATO, C., GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.
- FIGARO, Roseli; BARROS, J. V. ; KINOSHITA, J. As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia. In: Anais do XVII Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Goiania: SBPjor, 2019. v. 1. p. 1-15. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2019/paper/viewFile/2075/1147>. Acesso em: 17 mai. 2022.
- FIORIN, J. L. Enunciação e comunicação. *In*: **Comunicação e análise de discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.
- FONSECA, V. **Indústria de notícias**. Capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo. Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- FRANCISCATO, C. O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais. **Brazilian Journalism Research**, v. 11, n. 2, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.25200/BJR.v10n2.2014.741>. Acesso em: 17 mai. 2022.
- GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**. Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Editora Ortiz, 1987.
- GOMEZ, M. N. Reflexões sobre Ética da Informação: panorama contemporâneo. In: GOMEZ, M. N.; CIANCONI, R. (org.) **Ética da informação: perspectivas e desafios**. São Paulo: Garamond, 2017.
- GROHMANN, R. A Comunicação na Circulação do Capital em Contexto de Plataformização. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. e5145, 2020. DOI: 10.18617/liinc.v16i1.5145. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5145>. Acesso em: 17 mai. 2022.

em: 10 ago. 2021.

GROTH, O. **O poder cultural desconhecido**: fundamento da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIMA, C. N. **Jornalistas, blogueiros, migrantes da comunicação**: em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação. ECA-USP, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-26062015-112522/pt-br.php>. Acesso em: 17 mai. 2022.

MARQUES DE MELO, J. Conceito, categorias e gêneros do jornalismo. In: MARQUES DE MELO, J; ASSIS, F. de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos**: estudos fundamentais. Rio de Janeiro, São Paulo: PUC-Rio, Loyola, 2020.

MEDITSCH, E.; SPONHOLZ, L. Bases para uma Teoria do Jornalismo 2.0. **Observatório da Imprensa**, 26 de nov. de 2011. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/bases-para-uma-teoria-do-jornalismo-20/>. Acesso em: 17 mai. 2022.

NONATO, C.; PACHI FILHO, F. F.; SILVA, A.F.M. O trabalho de jornalistas em arranjos econômicos independentes: uma interpretação a partir dos rastros digitais. In: XVII ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2019, Goiânia, GO. **Anais [...]**, 2019. Brasília, DF: SBPJor, 2019. v. 1. p. 1-16. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/download/2075/1150>. Acesso em: 17 mai. 2022.

RODRIGUES, C. **Jornalismo on-line**: modos de fazer. Rio de Janeiro/Florianópolis: PUC-RJ/Sulina, 2009.

SEIXAS, L. Teorias de jornalismo para gêneros jornalísticos. **Galaxia**. (São Paulo, Online), n. 25, p. 165-179, jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/10461>. Acesso em: 17 mai. 2022.

VALMORE, F. H. ; SOUZA, N. R. . Movimentos sociais, instituições participativas e sociedade civil em sete periódicos nacionais. 2005-2014. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB**, v. 82, p. 105-125, 2017.

XAVIER, C.; PONTES, F. S.. As características dos jornais como poder cultural: releituras da teoria do jornalismo proposta por Otto Groth. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.** 42 (2), May-Aug 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-5844201922>. Acesso em: 17 mai. 2022.